



III Jornada Internacional  
Semântica e Enunciação



2021



## PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

### SENTIDO, ENUNCIÇÃO, DISCURSO E FRONTEIRAS DE GÊNERO: ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES

Fábio Araújo Oliveira (UNEB)  
Pedro de Souza (UFSC)

**RESUMO:** Historicamente, o gênero, entendido como uma forma de se colocar no mundo culturalmente e socialmente construída na/pela linguagem, serve para criar identidades e possibilidades de enunciação, demarcando fronteiras; para hierarquizar sujeitos, subjetividades e corpos, excluindo-os ou não através de relações de poder; para configurar e reconfigurar sentidos, mexendo na estrutura através de performances; para fazer resistência e buscar transformações, questionando determinadas cristalizações através da luta ideológica; enfim, o gênero é um campo de batalha. E um campo interdisciplinar! Influenciados pelos estudos e movimentos feministas, em suas diversas configurações, e pela noção de interseccionalidade, contemporaneamente há discursos, práticas, performances que questionam determinadas construções identitárias de gênero. Esse questionamento busca, de algum modo, problematizar e reconfigurar essas identidades, de modo a incluir nelas sentidos, corpos e subjetividades tradicionalmente estigmatizados, inferiorizados e ameaçados. A importância disso é abrir possibilidades de identificação, reconhecimento, respeito e direito à vida para os sujeitos. Daí decorrem algumas questões: Como definir uma identidade de gênero? Ou seja, que sentidos imprescindíveis ela deve conter, a ponto de se diferenciar de uma outra? Quem pode pertencer a tal identidade? Ou seja, que enunciação ou performance garante que o sujeito pertença ou não a um determinado grupo? O que quer e o que pode uma identidade de gênero? Ou seja, quais podem ser os seus projetos e efeitos? Nessa perspectiva, traçamos como objetivos refletir sobre a designação de identidades de gênero e os seus efeitos e contradições, sobre a importância da construção de novas subjetividades de gênero para os grupos que se identificam a elas e para a sociedade em geral, sobre a disputa pelo sentido na demarcação de fronteiras de gênero e suas relações de poder, sobre o funcionamento das enunciações e das performances na construção do gênero, sobre o funcionamento de estratégias de manutenção e resistência nesse campo. Para este simpósio temático, esperamos análises, contribuições e intervenções de diversas áreas que abordem questões de gênero em sua relação com teorias do discurso e da argumentação, do sentido e da enunciação, a partir de reflexões sobre a construção, circulação e funcionamento de sentidos e discursos, os modos de argumentação e enunciação, as performances e as relações de poder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sentido. Enunciação. Gênero. Interdisciplinaridade.



III Jornada Internacional  
Semântica e Enunciação



2021



## RESUMOS APROVADOS:

### **INTERDIÇÃO X AFIRMAÇÃO DO FEMININO: BREVE ESCUTA DA ENUNCIÇÃO DO EU-POÉTICO NA CANÇÃO *TRISTE, LOUCA OU MÁ*, DA BANDA FRANCISCO EL HOMBRE E DO POEMA *COM LICENÇA POÉTICA*, DE ADÉLIA PRADO**

Antonia Alves DE SOUSA (IFCE/NECA) [antoniaalvesdesousa56@gmail.com](mailto:antoniaalvesdesousa56@gmail.com)

Jannyeuda Rodrigues DE MELO (IFCE/NECA) [jannyeudarodrigues2019@gmail.com](mailto:jannyeudarodrigues2019@gmail.com)

Auricélio Ferreira DE SOUZA (IFCE/NECA) [auricelioferreirasouza@gmail.com](mailto:auricelioferreirasouza@gmail.com)

**RESUMO:** Este estudo tem como foco a análise estrutural de duas propostas poéticas que, em comum, problematizam a dimensão do feminino na cena social contemporânea: a canção “*Triste, Louca ou Má*”, da banda Francisco El Hombre (Campinas – SP) e o poema “*Com licença poética*” de Adélia Prado (Divinópolis – MG). Objetiva-se pormenorizar em que medida a confluência dos mecanismos discursivos nas duas propostas (littero e musical) revela estratégias de sustentação de campos na afirmação de um eu feminino que se coloca contra a força hegemônica de invisibilização da sensibilidade e lugar de fala desse feminino. Força esta, nomeadamente manifesta por: “*A receita cultural*”, na canção e, “*os subterfúgios que me cabem*”, no poema. Na letra explicitaremos mecanismos discursivos utilizados pelo enunciador para tencionar os modos pelos quais a mulher se coloca e/ou é colocada diante da sociedade, quando o que se lhe apresenta no histórico jogo social é a manutenção de uma tradição. Na 1ª estrofe, é enunciado “sentença” a qual é submetido o sujeito feminino que recusa o papel (performance) esperado da mulher diante de uma sociedade calcada em modelos pressupostos. “*Triste louca ou má / Será qualificada / Ela quem recusar / Seguir receita tal*” (grifo nosso). É o processo de silenciamento ou invisibilização da intersubjetividade histórica do sujeito (o *Eu*), em face do pronto atendimento da expectativa de um Outro (sempre um interlocutor masculinizado e no comando da tradição). No poema de Adélia, paródia de “*Poema de Sete Faces*” (Drummond), já no indicativo do título, enunciando pedido de “licença” para entrar no universo do poeta, a malha discursiva investe força no sentido de também tencionar modelos ou tradições, numa instância mais profunda: lugares de fala (os que o jogo social impõe ao feminino) e o que este, sob o signo da resistência, tenta buscar para si. “*Aceito os subterfúgios que me cabem, / sem precisar mentir.*” O aporte teórico é interdisciplinar, em vista as leituras empreendidas no Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE): Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), concepções de Pierre Bordieu na construção do conceito de violência simbólica e reflexões posteriores acerca de como esse fenômeno interfere ou formata do jogo social, seus valores de dominação (Yves Michaud). Também Foucault em *História da Sexualidade* e repercussões disso no campo do gênero. As problemáticas apontadas no campo das estruturas sociais: Teoria da Representação Social (Serge Moscovici), implicações na interdição e/ou autorização de lugar e de fala do sujeito/grupos nesse contexto (Teoria Crítica e Crítica Pós-Colonial).

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminino. Corpo. Resistência. Enunciação.

## AQUELE QUE É TÃO DIFERENTE DE MIM: IMAGENS DE SI E DO OUTRO NO UNIVERSO DE TEXTOS MULTIMODAIS

Almerindo Cardoso Simões Junior (UERJ)

**RESUMO:** Mediados pela tecnologia em quase todos os ambientes em que vivemos, os *sites* de relacionamento e aplicativos de encontros são cada vez mais presentes como lugar de socialização de vários grupos, inclusos neste caso os homens que buscam encontros com homens. Nos discursos destes sujeitos, observamos algumas constantes em seus textos de apresentação - uma das primeiras formas de exposição de saída do mundo virtual para o real: A construção das “imagens de si” são caracterizadas pela supervalorização do masculino, da juventude e do acesso a determinados bens. São sujeitos veiculadores de um determinado tipo de ethos que nos fornecem pistas como o lugar de onde falam e que relações de poder estão implícitas em suas vozes. Por outro lado, este posicionamento também desqualifica o outro, o “diferente de mim”. A partir de determinado lugar, cria-se a imagem de si e o simulacro da imagem do outro. Desta forma, há as vozes daqueles que reproduzem o discurso dominante, classificam, hierarquizam e segregam – talvez com receio de que venham a ser vítimas do mesmo preconceito que propagam – e há as vozes daqueles que não se adaptam, que escapam à norma, mas que são ao mesmo tempo indispensáveis, pois fornecem o limite da fronteira, do fora. Neste trabalho, busco analisar alguns dos discursos produzidos por esses homens nestes espaços multimodais além de que enunciados são produzidos e que sentidos são gerados. Com base na Semântica Global, proposta por Maingueneau (2005) – em especial as noções de primado do interdiscurso, ethos e simulacro - e em diálogo com os estudos foucaultianos, entendemos que os discursos são submetidos a relações de poder que determinam “quem” e “o que” podem falar, e, mais ainda, a partir de que lugar. Estes discursos são locais de produção em que derivam certas identidades enunciativas, constituindo-se espaços de resistência – possibilitando devires outros – ou de manutenção do *status quo*. Evitando modelos que considerem os discursos como algo ligado apenas a signos e frases, temos o compromisso de pensá-los como em constante diálogo com as mais variadas instituições e com outros discursos, inseridos em variados contextos histórico-político-sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Multimodalidade. Discurso. Sentido. Masculinidades.

**CRENÇA E VOZ: O LABOR DE RESISTÊNCIA NA ENUNCIÇÃO DE UMA  
IDENTIDADE PERIFÉRICA NAS CANÇÕES 'HIENAS NA TV' E 'CRENÇA',  
DO ÁLBUM *DEUS É MULHER*, DE ELZA SOARES**

Cleuton Alexandrino LOIOLA (IFCE/NECA)  
[cleutonloiola9@gmail.com](mailto:cleutonloiola9@gmail.com)

Auricélio Ferreira DE SOUZA (IFCE/NECA)  
[auricelioferreirasouza@gmail.com](mailto:auricelioferreirasouza@gmail.com)

**RESUMO:** Em consonância com a proposta de refletir acerca das atuais configurações dos fazeres culturais e artísticos no cenário brasileiro, foco dos esforços do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA/IFCE *campus* Tauá), este trabalho (em curso) propõe uma leitura sobre a construção discursiva das representações sociais de grupos tornados subalternos no jogo social urbano-periférico. Especificamente, nos interessa todo o conjunto de embates que surgem a partir da resistente tentativa de afirmação, pela via do discurso, da identidade feminina negra no álbum “*Deus é mulher*” (2018), de Elza Soares, intérprete carioca. Tais embates repercutem tanto no campo tanto físico (resistir contra ações de violência concretamente operadas pelo Estado), quanto simbólicas (a negação da mulher negra enquanto sujeito histórico, narradora de si e de suas subjetividades). Dentro deste disco (o qual é o objeto da discussão ora em curso no NECA e integralmente apresentado pelo grupo neste seminário) nos ateremos especificamente às canções *Hienas na tv* (faixa 06) e *Credo* (faixa 09). A primeira destas projeta uma estrutura de resistência que se dá prioritariamente pela negação da hegemonia posta (“*Sim, digo sim pra quem diz não*”), hegemonia esta que, por meio de seus aparelhos (referência a uma mídia centralizadora), “arrasta”, “devora”, “mastiga” subjetividades enquanto “ri”, “gargalha” numa só ferocidade (daí, já desde o título, a referência às *hienas na/da tv*). Na segunda canção, o mote de resistência desse feminino-negro-identitário se ancora na dimensão de reivindicação do direito à crença como se fosse ele o próprio direito de (re)existir simbolicamente: “*Minha fé quem faz sou eu*”, “*Eu não quero o medo me dando sermão*”. O hegemônico sendo novamente confrontado: “*O castigo que serve só para vender o perdão*”, “*Essa gente que olha pro céu e tropeça no chão*”. Em ambos os discursos, as estratégias enunciativas desse eu-resistente/resiliente são ancoradas na dimensão das diversas ideologias que se configuram no cenário de disputas do qual emerge o que se convencionou chamar de luta feminista. É a mulher o mote e a potência estruturadora da identidade urbano periférica em questão. Para estruturar essa proposta de leitura o desenho metodológico consiste basicamente na análise discursivo estrutural das letras, amparando-se para tanto no campo da Análise do Discurso (como se tece essa produção), na Teoria Crítica (em especial o sujeito e a reconstrução da história e sua narrativa) e Crítica Pós-Colonial (a figura do subalterno e seus movimentos de inscrição).

**PALAVRAS-CHAVE:** Urbano-periférico. Identidade cultural. Resistência. Subalterno.

## **A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE MASCULINIDADES ESTIGMATIZADAS NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Fábio Araújo OLIVEIRA (UNEB e Grupo MULHERDIS/UNICAMP)  
[faoliveira@uneb.br](mailto:faoliveira@uneb.br)

**RESUMOS:** Neste trabalho, analisamos a construção de sentidos sobre masculinidades estigmatizadas no livro didático de língua portuguesa do ensino fundamental no Brasil. Para isso, utilizamos a teoria da Análise do Discurso pecheutiana em diálogo com a Semântica da Enunciação. Os livros selecionados para análise são os do 5º e 9º. anos que estão entre os mais solicitados pelos professores da rede pública e comprados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) nas edições de 2016 e 2017 respectivamente. A escolha por esses livros é por serem uns dos mais utilizados no ensino público recentemente, marcando um momento importante de transição de ideologias e de posicionamentos dos órgãos governamentais de controle do livro didático no país. Como o livro didático é um importante instrumento para a educação escolar formal de crianças e adolescentes, considerando a sua utilização e o seu predomínio nesse processo de escolarização, bem como o seu potencial em veiculação de sentidos, consideramos de suma importância a sua análise em vários aspectos. No que diz respeito à questão das masculinidades, percebemos que há vários estudos analisando a construção das masculinidades na contemporaneidade, e apontando para diversos problemas dessa construção na formação de crianças e adolescentes, principalmente ligados ao machismo, como a prática da violência, a desvalorização do feminino e o desrespeito à diversidade sexual e de gênero etc. Nessa perspectiva, consideramos essencial avaliar como o livro didático de português trata a questão das masculinidades, se ele reproduz ou questiona sentidos considerados tóxicos do masculino e se está aberto para uma diversidade das masculinidades. Em especial, neste trabalho interessa-nos analisar como o livro didático de português aborda algumas formas de ser menino ou homem tradicional e historicamente estigmatizadas pela sociedade, mas contemporaneamente defendidas por algumas instâncias da sociedade, como, por exemplo, sujeitos da diversidade sexual e de gênero, indígenas e imigrantes vindos de países pobres, além de outras formas de masculinidades. O resultado da pesquisa nos mostra que, no livro didático de língua portuguesa, há hierarquização das masculinidades, bem como silenciamento e apagamento de algumas formas do masculino, privilegiando, assim, determinados grupos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso. Enunciação. Masculinidades. Livro Didático.

## **CORPO DÓCIL X OBJETIFICADO:**

O FEMININO COMO SIGNO EM CONFLITO NO ROMANCE

O *ELIGIO DA MADRASTA*, DE MÁRIO VARGAS LLOSA

Joana Bezerra RICARTE (IFCE/NECA)  
[joana\\_ricarde@outlook.com](mailto:joana_ricarde@outlook.com)

Auricélio Ferreira DE SOUZA (IFCE/NECA)  
[auricelioferreirasouza@gmail.com](mailto:auricelioferreirasouza@gmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho pretende fazer uma análise da construção do feminino como signo do cambiante, conflituoso ou duo a partir da leitura da personagem feminina na obra *Elogio da Madrasta* (1988), de Mario Vargas Llosa. O objetivo é retomar e problematizar a já ampla discussão a respeito das representações sociais do feminino na Literatura pelo viés da enunciação. Nesse caso, a partir do enfoque semiótico da personagem Lucrecia, em torno de quem podemos ler, no tanger de seus caracteres ao longo da diegese, manifestações simultâneas de objetificação e docilidade do corpo num processo de semiotização da madrasta: mãe de alguém/mulher de outro, cuidado/prazer, provimento/transbordo. Nessa direção, entendemos que a obra intersecciona linguagem verbal e visual, num trabalho de tecer uma mirada eminentemente erótica: o desejo enquanto força motriz para potencialização crescente do enredo que aloca Dom Rigoberto e seu filho Alfonso como polos em disputa e, a madrasta Lucrecia, como elemento duo de desestabilização de uma ordem social frágil, pressuposta na relação familiar performada nos elos pai-filho. Tal configuração lança sobre o texto violenta carga em que o sexo é potência. Mais especificamente, o corpo feminino como signo em disputa. Portal por onde, seja pelo verbal, seja pelo não verbal, emana a possibilidade de tessitura de lugares ocupados pela personagem feminina na narrativa. É a representação e/ou sub-representação semioticamente tecida destes lugares do feminino que nos interessa neste breve estudo. Entendemos que é por meio da leitura das performatividades desse corpo dentro de um mundo ordenado em prol da satisfação de fantasias eróticas masculinas, enunciado no romance de Llosa, que podemos pensar a presentificação desta problemática ainda na cena contemporânea. Ler, portanto, os atos de subserviência que transitam entre a esfera da “liberdade” sexual feminina e da dominação legítima. Para tanto, nos valem da busca de um aporte teórico amplo e, propositadamente, interdisciplinar: desde os postulados da semiótica como irreversível “lente” para a leitura dos processos de reconstrução dos sentidos (Pierce, Eco, Lotman e outros) até Pierre Bordieu e sua propositura de violência simbólica; Yves Michaud (1989), na reflexão de tal fenômeno enquanto formatador do jogo social e seus valores de dominação; as contribuições de Foucault e sua *História da Sexualidade*; e, na mesma direção, Stearns (2010) em igual perspectiva histórica. Além de provocações como as trazidas pela Teoria da Representação Social (Serge Moscovici) ou pelas teorizações sobre interdição e lugar de fala do subalterno (Teoria Crítica e Crítica Pós-Colonial).

**PALAVRAS-CHAVE:** Feminino. Corpo. Personagem. Representação/Sub-representação.

**LUGARES DE ENUNCIÇÃO:**  
SILENCIAMENTO E DEMANDAS POLÍTICAS POR  
LEGITIMIDADE PELAS TORCIDAS *QUEER* DE FUTEBOL

Matheus da Silva MEDEIROS (UNICAMP)  
medeirosmath@outlook.com

Mónica G. ZOPPI FONTANA (UNICAMP/CNPQ)  
monzoppi@g.unicamp.br

**RESUMO:** A emergência nas redes sociais de torcidas de futebol autodenominadas *livres* e *queer* produziu recentemente tensões em um espaço que historicamente construiu o homem cisgênero e heterossexual como seu interlocutor legítimo (PINTO, 2017). A partir da construção de contradiscursos à naturalização da homofobia, da misoginia e do racismo no futebol, essas torcidas abrem espaços de visibilidade e legitimidade que fundam regimes de enunciabilidade contradominantes, em que a reivindicação pela legitimidade dessas formas outras de subjetivação se fundamenta na demanda pelo direito de ser, torcer e dizer, pela denúncia dos processos históricos e ideológicos de silenciamento (ORLANDI, 2007) e mascaramento do equívoco, das assimetrias e das diferenças. Em outras palavras, na demanda pelo direito de ser reconhecido como sujeito político. A partir do referencial teórico-analítico da Análise do Discurso de filiação materialista, em diálogo com os Estudos de Gênero, neste trabalho retomamos o conceito de lugares de enunciação (ZOPPI-FONTANA, 2002, 2017) para analisar a emergência das torcidas *livres* e *queer* como prática discursiva de resistência a sentidos normativos sobre gênero, sexualidade e aos sentidos fornecidos pela formação ideológica dominante cis-heteronormativa, que normalizam quem são os sujeitos legitimados para torcer e jogar futebol. Na linha dos trabalhos desenvolvidos por Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi, no Brasil, o discurso é entendido como o lugar material da luta ideológica e das contradições que dividem os sentidos e os sujeitos, de modo que situamos as torcidas *queer* como nosso objeto de análise por elas se constituírem como um dos pontos de crise desses sentidos normativos, produzindo rupturas e deslocamentos. O *corpus* analisado consiste na designação e identidade visual da página *Palmeiras Livre*, no Facebook, e *Bambi Tricolor*, no Tumblr. Em nosso percurso, analisamos as movimentações da posição discursiva em que se inscreve a página *Palmeiras Livre*, bem como a marcação de fronteira produzida entre o clube Palmeiras e a torcida, como efeito de sentido produzido pelo nome “livre”. Analisamos também a inversão do insulto produzida pela designação *Bambi Tricolor*, em que o insulto “bambi” é ressignificado pela torcida como forma de reiterar e celebrar a diversidade sexual. (MEDEIROS, 2018) Concluimos que, para construir um lugar de enunciação que não constituído pela memória LGBTfóbica, essas torcidas provocam deslizos e a transformação de sentidos pejorativos naturalizados, a fim de construir um lugar de legitimidade para esses sujeitos-torcedores, de onde eles possam torcer, reivindicar e fazer demandas por visibilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso. Lugares de Enunciação. Silenciamento. Práticas de Resistência.

**PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES:  
EFEITOS DE SENTIDOS EM CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS  
DA PREFEITURA DE SALVADOR- BA**

Nadia de Jesus SANTOS (UNEB)  
nadiadejesusantos@gmail.com

**RESUMO:** Durante muitos anos, a posição ocupada pela mulher na sociedade era apenas de coadjuvante. Era vista como aquela que foi feita para ser mãe, cuidar da casa, do esposo, sempre submissa a um homem (pai ou esposo), tornando-se uma pessoa sem espaço e identidade. Através de muitas lutas, alguns direitos foram conquistados, no entanto, atualmente um dos maiores desafios tem sido vencer a violência contra mulheres, já que na sociedade patriarcal em que vivemos ainda predomina a imagem da mulher para o lar. Com a ascensão do movimento feminista, políticas públicas foram criadas no Brasil para ajudar as mulheres na luta por igualdade e respeito. E, atualmente, parte das estratégias sociais para enfrentamento a violência de gênero é a utilização de campanhas publicitárias por instituições públicas e privadas. Diante disso, a presente pesquisa, filiada à Análise de Discurso Materialista, tem como objetivo analisar como se articulam as formações discursivas que permeiam os discursos materializados em oito peças publicitárias de prevenção à violência contra as mulheres da Secretaria de Políticas para Mulheres, Infância e Juventude da cidade de Salvador- Ba publicadas no dia da Mulher, Carnaval e festejos juninos de 2017, identificando as posições - sujeito no discurso. Adotamos alguns conceitos teórico-metodológico da Análise de Discurso Francesa, com prioridade aos estudos teóricos de Michel Pêcheux, em uma abordagem qualitativa. A pesquisa parte do princípio de que a propaganda se constitui como espaço de manifestações ideológicas mediante o poder persuasivo da linguagem publicitária. Assim, verificou-se que os discursos materializados nas peças analisadas estão inseridos em formações discursivas feministas se opondo as ideologias patriarcais. AS FD's feministas se incumbem de buscar a deslegitimação de discursos construídos no período da colonização brasileira, mas ressignificados nos dias atuais, pois, ainda se vive em uma sociedade marcada pelo sexismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso. Violência de gênero. Feminismo. Prevenção.



**O MOTE E O MARTELO: FEMENINO NEGRO E A ENUNCIÇÃO DO EU-PERIFÉRICO-RESISTENTE NAS CANÇÕES *O QUE SE CALA* E *EXU NAS ESCOLAS*, DO ÁLBUM *DEUS É MULHER*, DE ELZA SOARES.**

Sebastião Galdêncio Alves SIQUEIRA (IFCE/NECA)  
[galdenciocal123@gmail.com](mailto:galdenciocal123@gmail.com)

Auricélio Ferreira DE SOUZA (FCE/NECA)  
[auricelioferreirasouza@gmail.com](mailto:auricelioferreirasouza@gmail.com)

**RESUMO:** O objetivo desta proposta é realizar uma leitura sobre a dimensão tanto de um feminismo negro, quanto de um eu-periférico-resistente que emanam a partir do processo de enunciação nas canções “*O que se cala*” (Douglas Germano) e “*Exu nas escolas*” (Edgar e Kiko Dinucci), ambas do disco *Deus é Mulher* (Deckdisc, 2018), de Elza Soares, cantora carioca. A leitura compreende que, nessas produções, o fenômeno da voz opera a inscrição discursiva de um sujeito feminino histórica e geograficamente situado: trata-se do *Eu-subalterno*, marginalizado, excluído e, conseqüentemente, invisibilizado socialmente. Mais especificamente, do tecido enunciativo das canções, emerge a mulher negra habitante dos morros e favelas, espaço que, no cenário contemporâneo, urbano periférico, representa um campo de embate, *locus* a partir do qual esse ser feminino labuta pela sua existência simbólica e concreta. Esse movimento de resistência (re-existência) é amplificado no conjunto das faixas do referido disco. Nesse estudo, escolhemos as letras de canções como foco inicial de uma leitura mais ampla que vem sendo realizada dentro do Núcleo de Estudos em Cultura e Arte (NECA) do curso de Letras do IFCE – *Campus* de Tauá. Em *O que se cala*, a estrutura se empenha em apontar aspecto da cena atual, no que tange ao chamado lugar de fala, a apropriação cultural e o empoderamento (*empowerment*) feminino, sobretudo, pela afirmação da sexualidade. O texto, somado à paisagem sonora particular do disco (bits, loops, samplers e outros), introduz o ouvinte no universo da fala. É o domínio do dito, da verve. “*Mil nações / Moldaram minha cara / Minha voz / Uso pra dizer o que se cala / O meu país / É meu lugar de fala*”. Na outra faixa em questão, um *funk* com nuance de *punk*, a enunciação toma forma em *Exu* (um mensageiro, um executor) para questionar frontalmente *nas escolas* (o espaço dos ensinos) a questão da aculturação, expropriação da pertença étnica em detrimento a uma “educação” eurocêntrica, na qual é à religião hegemônica que cabe a formação do povo afro-brasileiro. Para essa leitura, nos valeremos das contribuições teóricas em torno do conceito de enunciado, ato enunciativo (Benveniste e Ducrot), de discurso (Michel Pêcheux, Michel Foucault e outros teóricos da A.D Francesa), Pierre Bourdieu (conceito de *modus e habitus*), Michel Foucault (ideia de um vigiar e punir), Gramsci (conceito de subalterno) e, interdisciplinarmente, dos postulados da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt) e a Crítica Pós-Colonial e sua propositiva de relações sociais mais horizontalizadas e inclinadas ao princípio dialético.

**PALAVRAS-CHAVES:** Enunciação. Feminismo Negro. Sujeito Subalterno. Representação.

